

UCHE ANIZOR

SUPERANDO
A APATIA

*A esperança do evangelho
para a frieza espiritual*


VIDA NOVA

Um dos maiores perigos para o cristão moderno não é a apostasia, mas a apatia. Na igreja, não deparamos com grandes contingentes de pessoas que correm o risco de negar Jesus, mas com pessoas que correm o risco de se entediar com ele. Em *Superando a apatia*, encontramos meios práticos que permitirão à igreja combater um dos nossos maiores desafios, além de nos colocar frente a frente com a beleza do evangelho e da glória do Rei Jesus.

J. T. English, pastor principal da Storyline Fellowship, Colorado, Estados Unidos e autor de *Deep discipleship*.

Uche Anizor fala de experiência própria, encorajando-nos a reconhecer a apatia e a resistir a ela, o que não é comum em nossos dias. A apatia humana não está associada ao descanso sadio ou ao contentamento divino, mas à falta de motivação e ao crescimento da indiferença. Essa condição, não raro, degrada o amor a Deus e ao próximo. Se você se sente apático, perdeu a motivação e se pergunta se Deus tem algo a dizer sobre sua indiferença, deixe que o autor o encaminhe de volta a Deus e aos seus bons propósitos. Você verá que a vida vale muito a pena no momento em que se sentir livre para dar atenção às coisas que são importantes para Deus.

Kelly Kapic, professor de Estudos Teológicos no Covenant College e autor de *You are only human*.

Superando a apatia é um convite sincero para que sondemos nosso coração, onde a apatia costuma se alojar. Seu domínio no coração decaído se disseminou na atualidade até o ponto em que nem sequer percebemos sua presença e seu poder em nossa vida. Uche Anizor nos ajuda a identificar e a definir a apatia, desemaranhando-a de outras emoções e experiências. De modo sutil e pertinente, o autor apresenta sete sementes de onde brota a apatia, e para cada uma ele nos mostra um antídoto da Escritura. Anizor passa com naturalidade da discussão filosófica para as sugestões práticas, oferecendo ajuda

aos que lutam com a indiferença conduzindo-os àquilo que, mais do que tudo, nos inflama na direção do amor e da adoração.

Aimee Joseph, autora de *Demystifying decision-making*.

Uche Anizor toca o cerne de um dos problemas culturais mais inquietantes do Ocidente moderno: a *apatia*. Sua análise psicologicamente penetrante, com uma teologia criteriosa e rica em seu aspecto devocional, ajudará o leitor a compreender e a superar a “doença da alma”. O leitor que se propuser a lê-lo, sozinho ou em pequenos grupos, poderá se beneficiar do sábio diagnóstico que Uche faz das causas e da natureza da apatia, bem como de sua discussão de como encontrar, no evangelho, a cura e o escape da apatia.

Gavin Ortlund, pastor sênior na Primeira Igreja Batista de Ojai, Califórnia, Estados Unidos, e autor de *Agostinho e a doutrina da Criação* e *Questões doutrinárias pelas quais vale a pena lutar*, publicados por Vida Nova.

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	11
<i>Prefácio: Uma palavra para quem luta</i>	13
1. UMA SÉRIE SOBRE O NADA: Nossa cultura da apatia.....	17
2. O DEMÔNIO DO MEIO-DIA: O conceito da apatia.....	43
3. TODOS TÊM UMA HISTÓRIA: As sete causas mortais da apatia	69
4. Ó AMOR, TU QUE NÃO ME DEIXAS PARTIR: A cura da apatia	101
5. PASSAR A CERA, TIRAR A CERA: Formas de combater a apatia.....	137
Considerações finais	179
<i>Índice remissivo</i>	183
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	189

Agradecimentos

Tenho provado muitas vezes a realidade de que escrever um livro é um esforço comunitário. Agradeço às inúmeras pessoas que contribuíram com esta obra.

Agradeço a Ken Berding pelas inúmeras conversas durante as caminhadas pelo Creek Park, pelo incentivo, pelo retorno cauteloso e por incontáveis ideias — algumas das quais ele nem imaginava que estava me dando.

Agradeço a Kyle Lundquist pelas percepções e pela formulação de perguntas fundamentais que me ajudaram a elaborar inicialmente o livro, além do retorno que me deu sobre os capítulos.

Agradeço a Jeremy Lupinacci por me estimular sistematicamente a seguir em frente e escrever este livro, e pelas notas ponderadas sobre os capítulos.

Agradeço a Hank Voss por me ajudar a pensar a estrutura do livro, por seu retorno e pelos recursos pertinentes durante todo o processo.

Agradeço a Ryan Schuler e a Nick Kaschuk pela leitura de dois capítulos fundamentais e pelo retorno que me deram.

Kyle Strobel, Jordan Barrett, Greg Peters e Steve Pardue me colocaram em contato com fontes valiosas.

Agradeço, como sempre, à Escola de Teologia Talbot pela licença concedida para pesquisa, que me liberou para trabalhar neste projeto (particularmente durante os primeiros dias

difíceis da Covid-19) e à Universidade Biola por me propiciar uma verba generosa para pesquisa, que me ajudou a financiar minha licença.

Samuel James, Greg Bailey e a equipe da Crossway: foi uma alegria trabalhar com vocês. MUITÍSSIMO obrigado por acolherem com entusiasmo este projeto.

Por fim, como sempre, agradeço do fundo do coração à minha esposa, Melissa, por seu apoio e pelas longas noites de leitura atenta do manuscrito e por seus comentários perspicazes sobre todos os capítulos, e também aos meus filhos Zoe, Eli e Ezra. Que vivamos todos os dias livres da maldição da apatia e com zelo sempre maior por Deus.

Prefácio

UMA PALAVRA PARA QUEM LUTA

Este livro faz uma análise da apatia. Minha principal preocupação é a apatia espiritual, ou a indiferença pelas coisas essenciais que deveriam ser objeto de preocupação do cristão. Estes poucos capítulos constituem minha modesta tentativa de compreender e investigar uma experiência tão comum que parece até algo que se deveria esperar da vida.

Há muitos anos penso em escrever este livro como uma forma de compreender a mim mesmo e aos altos e baixos da minha caminhada cristã. Não sou psicólogo; sou alguém que, em virtude de minha experiência, infelizmente, conhece bem o assunto. Escrevo como homem cristão a meus companheiros de viagem perplexos diante da indiferença para com as coisas de Deus.

Este livro não é para quem não quer mudar. Ele é dirigido àquele que se sente paralisado, mas quer mudar. É para aqueles que acham sua frieza desconcertante e perturbadora. É para os que desejam amar apaixonadamente as coisas de Deus, mas simplesmente não conseguem se interessar o suficiente por elas. Escrevo para os que oram assim: “Senhor, eu me preocupo com isso, mas me ajude na minha falta de interesse!”. É um livro para quem verdadeiramente quer lutar.

Não tenho a pretensão de que esta obra seja a palavra final sobre o tema da apatia. Se você gosta de rotular livros, talvez devesse colocá-lo na categoria de teologia prática ou pastoral. Como teólogo, creio firmemente que a boa teologia se faz pelo diálogo: primeiramente com a Escritura, mas também com outros teólogos e pensadores. Aqui, aproximo-me do tópico em questão dessa maneira. No decorrer destas páginas, dialogarei com pastores, monges, psicólogos, teólogos, filósofos, sociólogos e assim por diante. No fim das contas, porém, meu objetivo é oferecer recursos *cristãos* para que se possa compreender a apatia e lutar contra ela.

O primeiro capítulo se ocupa do grau de predominância da apatia na sociedade, em nossas igrejas e em nosso coração. Sem dar ainda uma definição mais minuciosa, faço algumas observações iniciais sobre a natureza peculiar da apatia e dou indicações de que há esperança de vencê-la. O capítulo 2 procura defini-la recorrendo à sabedoria dos filósofos, teólogos, psicólogos e outros. Esse capítulo requer que desaceleremos um pouco para que possamos raciocinar criteriosamente sobre o conceito de apatia na esperança de que a clareza assim alcançada compense o esforço. O terceiro capítulo lida com algumas possíveis causas da apatia. Ele nos ajudará a diagnosticar as fontes que parecem mais fiéis às experiências de cada um de nós. Certamente há outras causas, porém estas são um bom ponto de partida. O capítulo 4 promove o diálogo da apatia com o evangelho. De que maneira as boas-novas da graça divina confrontam o indivíduo apático? O capítulo destaca a verdade libertadora de que Deus é o ator principal do embate contra a apatia. É ele que oferece esperança e cura para a indiferença crônica. O capítulo final chama nossa atenção para o que *nós* podemos fazer para ajudar a fomentar posturas contrárias à apatia. Embora Deus e seu evangelho sejam os principais agentes, não somos de modo algum meros espectadores.

Disciplina, intencionalidade e esforço (isso mesmo!) são essenciais para o cultivo das virtudes que deixarão acuada a apatia.

Que este pequeno livro seja um instrumento nas mãos de Deus para encorajá-lo a dar um passo a mais para se afastar da indiferença.

1

UMA SÉRIE SOBRE O NADA

NOSSA CULTURA DA APATIA

Imagine que você morreu e seus filhos descobrem seus diários secretos. O que eles encontrariam ali? O que os deixaria surpresos? Que temas chamariam sua atenção? No meu caso, acho que meus filhos ficariam espantados com o número de vezes em que, em minhas anotações, oro a Deus e lhe peço “Senhor, desperta-me!”.

Converti-me aos dezoito anos, depois de lutar por algum tempo com o medo da morte. Encontrei Jesus quando lia o Evangelho de Mateus em uma Bíblia que ganhei de aniversário. Ler sobre o caráter de Jesus, ver seu amor em ação e deparar pela primeira vez com suas promessas de vida eterna foram coisas que me transformaram profundamente. Mesmo sem ouvir uma “apresentação” formal do evangelho, fui atraído a Cristo

de forma arrebatadora. Decidi no decurso da minha leitura que queria seguir esse homem pelo resto da minha vida. Finalmente encontrei esperança.

Meus primeiros dias de cristão foram marcados por um zelo vigoroso. Recordo que eu preferia caminhar 45 minutos da escola em que cursava o ensino médio até em casa, em vez de pegar o ônibus escolar, apenas para poder passar pela livraria cristã local (lembra-se delas?) e folhear livros sobre a Bíblia. Eu jogava conversa fora com o gerente da loja, enchia-o de perguntas pedindo-lhe que me recomendasse bons livros para ler. Eu tinha fome de conhecer coisas que eu desconhecia. Quando eu chegava em casa vindo da escola, corria para o quarto para passar um tempo a sós com Deus, com a Bíblia e com um livro qualquer que havia comprado na livraria. Tudo era muito diferente.

Ou ao menos eu achava que era.

Não demorou muito para eu sentir lá no fundo que havia algo de errado em minha vida cristã. Percebi que havia uma guerra devastadora dentro de mim. Por um lado, eu tinha um desejo imenso de aprender, de conhecer a verdade, de saber e de compreender. Por outro lado, tinha começado a me sentir “indiferente” em relação à oração, às pessoas e a outras coisas que deveriam ter peso e importância para o cristão.

Essa situação ambígua, ou melhor, de dupla mentalidade, atormentou-me no decorrer dos meus vinte anos. Na faculdade, participei de um ministério no campus cujo propósito era ajudar os cristãos a crescer e a compartilhar sua fé com outros. Sob vários aspectos, era fantástico fazer parte desse grupo; ao mesmo tempo, porém, isso só aumentava os meus problemas. Não há nada pior do que se ver rodeado de uma porção de pessoas sinceras e apaixonadas por uma causa pela qual você deveria estar muito interessado também, mas simplesmente não está.

Para minha vergonha, várias vezes quando eu falava do evangelho aos meus colegas, percebia-me querendo acabar logo com aquilo. Devo esclarecer que a maior parte dos diálogos espirituais que tive no campus foram tranquilos. Raras vezes acontecia de eu ter conversas estressantes e conflitivas quando evangelizava. Mesmo assim, eu queria que essas conversas terminassem — não sempre, mas o suficiente para que eu quisesse dar um tempo.

Já perto dos trinta anos, muitas vezes eu ia ao culto e ficava ali divagando ou querendo que a pregação chegasse logo ao fim. Não tinha nada a ver com a qualidade da pregação. Já ouvi pregações muito boas. Em vez disso, havia algo de estranho em meus afetos. Faltava paixão.

Com o tempo, passei a odiar a palavra *paixão!* No entanto, não podia culpar quem sentia essa paixão. Estava convencido de que essas pessoas haviam descoberto uma coisa importante. A advertência de Jesus às igrejas de Éfeso era uma síntese de como eu me sentia em relação à vida cristã, e isso já naqueles primeiros tempos: “Tenho contra ti, porém, o fato de que deixaste o teu primeiro amor” (Ap 2.4).

Sentia-me impotente e morno. Então, além de escrever diários com orações repletas de anseios, passei a compor cânticos desesperados. Alguns versos de um desses cânticos davam timidamente vazão ao tema que permeava meus diários:

Desperta-me, não me dou conta de que durmo,
 Desperta-me porque morri e não percebi;
 Desperta-me porque adormeci,
 E já não me importo mais.

Desperta-me porque minha vida parece uma obrigação,
 Desperta-me porque não consigo orar;

Desperta-me porque não consigo ver tua beleza,
E já não me importo mais.

Esse cântico é um resumo dos meus vinte anos: apatia misturada com ansiedade e uma pitada de culpa.

Quando a indiferença vira moda

Praticamente na mesma época em que me tornei cristão foi ao ar a série *Seinfeld*. Nenhum outro programa de TV me deixou tão fascinado quanto essa comédia excêntrica. Minhas noites de quinta-feira se resumiam a acompanhar os episódios mais recentes. Eu nunca havia visto um programa tão inteligente, criativo e sempre tão engraçado. E não era apenas eu que estava apaixonado pela série. Em suas últimas cinco temporadas, trinta milhões ou mais de espectadores a viam semanalmente, sendo que o último episódio da temporada final reuniu cerca de 76 milhões de espectadores. A série aparece com frequência como uma das melhores de todos os tempos, e continua a ser um fenômeno cultural desde que passou a ser exibida por outros meios.

A genialidade do conceito da série ficou evidente em um episódio fundamental da quarta temporada, quando Jerry (o personagem de Jerry Seinfeld) e George (Jason Alexander) conversam sobre a redação de um piloto de série para a NBC. Ao trocarem ideias sobre o tema do programa e fazerem algumas brincadeiras inteligentes, George sugere timidamente: “O programa devia ser assim. Isto aqui é o programa”.

Jerry: O quê?

George: Assim. Uma conversa. Só isso.

Jerry: Ah, entendi.

George: Estou falando sério. Acho que é uma boa ideia.

Jerry: Conversar? Só isso? Mas o programa vai ser sobre o quê?

George: Sobre nada.

Jerry: Sem história?

George: Isso mesmo. Esqueça a história.

Jerry: Mas tem de ter história!

George: Quem disse que tem de ter história?

A conversa prossegue. Jerry continua abismado com o conceito, e em tom de frustração: “Continuo sem saber qual é a ideia!”.

George: É sobre nada!

Jerry: Sei.

George: Todos fazem alguma coisa. Nós não vamos fazer nada.

Jerry: Então, vamos a NBC e dizemos a eles que temos uma ideia para um programa sobre nada?

George: Exatamente.

Jerry: Quando eles perguntarem sobre o que é o programa diremos que é sobre nada.

George: Isso mesmo!

[Pausa...]

Jerry: Acho que pode dar certo.¹

Há uma piada interna nessa cena. Os roteiristas do programa estavam oferecendo ao público um vislumbre do que se passou nos bastidores do seriado e o modo pelo qual *Seinfeld* e o outro criador da série, Larry David, tiveram a ideia e como a comunicaram. Embora talvez não tenha sido a intenção dos autores, a cena em questão sugeria que para compreender o programa de fato (não o piloto imaginário) era imprescindível reconhecer que se tratava de um “programa sobre nada”.

¹*Seinfeld*, temporada 4, episódio 9, “A virgem”, dirigido por Tom Cherones, escrito por Larry David e Jerry Seinfeld, com Jerry Seinfeld, Julia Louis-Dreyfus, Jason Alexander e Michael Richards, exibido em 16 de setembro de 1992.